

WENDY BRANT

O DIAGRAMA DE ZENN

«ESTE LIVRO
É DELICIOSO!»

BOOKLIST

Um romance doce, com um pouco
de Matemática e uma pitada de magia!

TOP
SEL
LER

$$\begin{aligned} \gamma^2 = 2px \quad a^2 + b^2 = c^2 \quad \gamma = \cos x \quad \gamma = mx + b^2 \quad \gamma^2 = 2px \quad a^2 + b^2 = c^2 \\ \gamma = \cos x \quad \gamma = mx + b^2 \quad \gamma^2 = 2px \quad a^2 + b^2 = c^2 \quad \gamma = \cos x \quad \gamma = mx + b^2 \\ \gamma^2 = 2px \quad a^2 + b^2 = c^2 \quad \gamma = \cos x \quad \gamma = mx + b^2 \quad \gamma^2 = 2px \quad a^2 + b^2 = c^2 \\ \gamma = \cos x \quad \gamma = mx + b^2 \quad \gamma^2 = 2px \quad a^2 + b^2 = c^2 \quad \gamma = \cos x \quad \gamma = mx + b^2 \\ \gamma^2 = 2px \quad a^2 + b^2 = c^2 \quad \gamma = \cos x \quad \gamma = mx + b^2 \end{aligned}$$

CAPÍTULO 1

TENHO A *TI-84* DO JOSH NA MÃO ESQUERDA, primo algumas teclas só para parecer que estou a fazer alguma coisa e espero que a visão apareça.

A *TI-84* é a minha máquina de calcular económica favorita. Não há muitos adolescentes que tenham uma calculadora favorita, muito menos nas diferentes categorias de preços, mas eu sou assim, superfixe. A minha máquina de calcular de sonho é a *TI-Nspire CX CAS Portátil*, que é uma calculadora gráfica de ecrã colorido. Desejo-a da mesma maneira que algumas raparigas da minha idade desejam um par de botas bonitas.

Sim, gosto de máquinas de calcular da mesma forma que a maioria das adolescentes gosta de sapatos.

Já vos disse que sou mesmo superfixe?

O Josh não tem a menor noção dos encantos da *TI-84*. A avaliar pelo ar do meu novo explicando, diria que ele usa a máquina para soletrar palavras de pernas para o ar, como «bebé», que se escreve com os números 3838, ou «bolo», a partir de 0708. Duvido que aprecie o facto de a máquina ser capaz de fazer cálculos complexos mais depressa do que ele é capaz de enviar uma mensagem de texto. Olho de relance para o maxilar direito do Josh, para os seus antebraços volumosos e novamente para a máquina de calcular. Que desperdício de equipamento tão finamente concebido — tanto a máquina como o Josh.

Insiro os algorismos — 50135 — só para me entreter enquanto espero. Algumas visões demoram mais tempo do que outras e é frequente ter de empatar um pouco enquanto elas se compõem, mas o Josh está demasiado ocupado a verificar o telemóvel para sequer reparar que estou a fazer tempo. Toda a gente está sempre demasiado ocupada com os telemóveis para reparar no que quer que seja.

Também podíamos usar a calculadora do seu amado telemóvel, mas, se ele o tivesse sugerido (coisa que não fez), eu teria insistido em usar a *TI-84*. As visões — chamo-lhes *algos* (diminutivo de «algoritmos»; alerta: sou uma *nerd!*) — que tenho a partir da máquina de calcular do Josh dizem-me quais são os seus problemas com a Matemática: quais são as maiores dificuldades, o que percebe e o que não percebe. Elas estabelecem um bom mapa que sigo no nosso caminho até ao sucesso final na trigonometria. Gostava de poder ficar com os louros de ser uma explicadora genial, mas a única coisa que faz de mim uma verdadeira estrela (matematicamente falando) são os *algos*. Consigo tanto controlar as visões que tenho como consigo controlar o tempo: se chover, molho-me. Se tocar nas máquinas de calcular, tenho acesso aos *algos*.

O Josh levanta os olhos do telemóvel durante tempo suficiente para reparar na palavra que escrevi em algorismos, provavelmente surpreendido com o facto de a miúda fanática por Matemática também ter sentido de humor. Por vezes, isto também me surpreende.

— «Seios.» — Solta uma gargalhada. — É um clássico.

Aceno com a cabeça e ainda penso em fazer uma piada, mas a sensação familiar de tontura já começou, aquela desorientação ligeira e a dor de cabeça que indicam que alguma coisa se aproxima. Reteso-me um pouco, esperando que seja apenas uma visão de algoritmo e não uma das outras. Normalmente, as outras não são tão educadas na aproximação, mas nunca se sabe.

De vez em quando, uma visão pode começar como um *algo* e depois dar uma de Dr. Jekyll e Mr. Hyde.

Mas esta começa muito suavemente. Deixo-me descontraír nos padrões familiares e quase calmos, na linguagem inexplicável dos

símbolos e cores, e quando um instante depois ergo os olhos, o Josh nem se apercebe da pausa na conversa, porque continua a fitar o telemóvel. Pouso a máquina de calcular em cima da mesa, pigarreio levemente e pego no lápis. A máquina deu-me mais informação num par de segundos do que a que conseguiria obter sentada com ele durante várias horas. Quer dizer, sou boa em Matemática e assim — na verdade, sou fantástica em Matemática —, mas, sem as minhas visões, este processo seria bastante mais enfadonho. Apesar de ser boa a perceber números, não sou muito boa a perceber pessoas.

Os treinadores adoram-me, porque consigo fazer com que um jogador com notas negativas as melhore mais depressa do que consigam dizer «bolsa de estudos para atletas». Não posso ficar com os louros deste trabalho — tenho tanta influência na origem das visões como no crescimento das minhas unhas. Mas a verdade é que fico.

E, claro, com as porcarias que às vezes os acompanham.

— Então, ficaste tu com o galho mais pequeno? — pergunta o Josh, enquanto pousa o telemóvel e roda o lápis sobre os nós dos dedos com um movimento do polegar. Como será que aprendeu a fazer aquilo? É como se fosse um minúsculo bastão amarelo a flutuar por entre os dedos. Na verdade, é impressionante. Julgo que deve ser isto que faz nas aulas de trigonometria, em vez de prestar atenção à matéria.

— Humm? — Folheio o livro dele, à procura do capítulo certo. O *algo* dele disse-me que não entende as funções básicas da trigonometria: seno, cosseno, tangente. É canja. Sinto uma alegria antecipada por poder explicar-lhe estas noções. No início estou sempre muito otimista de que conseguirei fazer com que toda a gente adore a Matemática, da mesma forma que ficamos contentes quando convencemos alguém a ver a nossa série favorita. Depois acabo por perceber que os meus explicandos não são exatamente o público mais propenso ao apreço pela Matemática, mas, quando começo as explicações, sou a rainha da esperança.

— Sou uma nódoa a Matemática — diz ele em jeito de desculpa. — Assim, tipo, mesmo uma desgraça completa.

Encolho os ombros e tento oferecer-lhe uma palavra de consolo:

— Eu sou uma nódoa a futebol americano.

Enquanto encontro a página certa, ele volta a rodar silenciosamente o lápis. Quando levanto os olhos, o Josh está de olhos pregados à mesa, com a ponta das orelhas ligeiramente vermelha e o rosto corado. Era capaz de dizer que se sente embaraçado. Talvez até envergonhado. Será possível que rapazes como ele — jogadores de futebol, com o corpo musculado, olhos azuis e sapatilhas que custam mais do que a minha máquina de calcular de sonho — se sintam embaraçados por não serem bons alunos em Matemática? Julgava que os rapazes como ele se *orgulhavam* de serem uma nódoa em Matemática.

Seja qual for o motivo, ele parece estar envergonhado e qualquer rapariga estenderia a mão para lhe tocar no braço e o encorajar. Mas, se eu o fizesse, sabe Deus a tempestade de cenas que podia libertar, por isso junto cuidadosamente as mãos em cima do colo e tento reconfortá-lo de outra forma.

— Pois estás com sorte — digo, com um tom de voz propositadamente convencido e ligeiro —, porque sou um espanto em Matemática. Espera só para ver. Vais. Passar-te. Completamente.

Isto fá-lo sorrir ligeiramente. Continua com o lápis na mão.

Tusso para clarear a voz.

— Cosseno — digo, e começo a passar um problema para a folha. — Não é uma das variáveis dos empréstimos que o teu pai concede. — Ele solta uma pequena gargalhada, o rosto fica menos corado e começamos a trabalhar.

Durante a nossa sessão, o Josh, que é surpreendentemente educado, oferece-me uma pastilha elástica, o seu lápis (quando o bico do meu se parte com o excesso de cuidado que tenho a escrever) e o caderno de apontamentos (quando preciso de mais papel). Recuso cada uma das ofertas. A minha aversão em tocar nas coisas das outras pessoas, e nas próprias pessoas, a bem da verdade, já me granjeou a injusta fama de ter fobia de germes, mas não estou a tentar proteger-me dos germes. Bolas, se me prometessem uma *TI-Nspire CX CAS Portátil* de ecrã colorido, era capaz de lambar o assento de uma sanita. E também não estou a tentar evitar os *algos*; até porque são quase agradáveis

para uma tontinha por matemática como eu. Não, o que tento fazer é manter-me afastada das outras visões — dos fractais.

Os *algos* que obtenho a partir da máquina de calcular do Josh dão-me informações sobre a matemática e apenas sobre a matemática. Quer dizer, quem (a não ser eu) tem alguma espécie de ligação emocional com as máquinas de calcular? São máquinas usadas com um propósito e absorvem quase exclusivamente as dificuldades que o proprietário tem com a matemática. Mas as visões que obteria se tocasse no telemóvel dele, ou qualquer objeto seu, mais ainda se tocasse *no próprio*, seriam sobre o resto dos seus problemas. A sério, *todos* eles. Em vez de ter acesso a este mapa útil que me guia, teria acesso a uma inundação caótica de informações pessoais, uma monção de tretas que não têm nada que ver com a matemática. Coisas sobre a sua infância, sobre as inseguranças e medos que tem, sobre os traumas do passado. E, em vez de me permitirem *ajudá-lo*, este tipo de visões só me deixa com uma enorme sensação de impotência.

As visões que recebo das calculadoras são um mero chuvisco, quando comparadas com o tsunami que me assola quando pego no telemóvel de alguém, com toda a sua bagagem emocional, tão própria dos adolescentes. Os dramas *todos* do *Instagram*, do *Twitter*, do *Snapchat*; as mensagens de texto, as fotografias, tudo. Quando pego no telemóvel de alguém, fico instantaneamente encharcada em suor, sinto-me arrasada por um furacão de coisas que não preciso de saber.

Só preciso de saber da matemática, mais nada. Já aprendi algumas coisas ao longo dos anos e muitas vezes aprendi-as da pior maneira possível. Não posso tocar. Não posso carregar os fardos das outras pessoas. Não posso tentar resolver as coisas. Só posso manter as malditas das minhas mãos bem sossegadinhas.

Antes de continuar com a nossa sessão, seguro na máquina de calcular do Josh mais uma vez, para me certificar. Desta feita, o *algo* apareceu mais depressa, como se a máquina me reconhecesse como uma espécie de melhor amiga. Murmura-me numa estranha língua que só eu entendo e diz-me que estamos a ir na direção certa. Vamos ter de nos encontrar durante algum tempo, mas estimo que o Josh vai

acabar por conseguir subir a nota para um 10, o que será suficientemente bom para ele e para o treinador. Como um 10 pode ser uma nota suficientemente boa para *alguém*, é algo que jamais conseguirei entender. Mas, não sei bem como, o Josh ficará satisfeito com a sua própria mediocridade. Eu recebo um agradecimento por o tornar elegível para a equipa de futebol e depois cada um segue o seu caminho alegremente.

Quando o Josh se levanta para se ir embora, o seu afastamento induzido pelo telemóvel quase desapareceu. Não sou propriamente uma rapariga calorosa e esfuziante, mas o Josh sentiu-se confortável o suficiente para deixar cair, ainda que só um pouco, a máscara de rapaz porreiro.

— Então. Tu e a trigonometria têm uma cena especial, hã — diz ele, mais como uma declaração do que como uma pergunta. Não falo adolescentês tão bem como a maioria dos meus colegas, mas sou suficientemente inteligente para perceber que está a elogiar-me e um elogio sobre matemática é o que basta para me fazer corar levemente.

— Trigonometria. Cálculo. — Encolho os ombros. — Sou um bocadinho promíscua no que toca à matemática.

Ele solta uma gargalhada.

— Isso é fixe.

Tenho a certeza de que não preciso de explicar como é *tão pouco* fixe ter uma cena especial com a trigonometria, mas sinto-me lisonjeada na mesma. Fecho o livro dele com um movimento súbito e faço-o deslizar por cima da mesa na sua direção.

Ele hesita em pegar nele e, quando levanto os olhos para olhar para o Josh, vejo que está a observar-me mais atentamente do que em toda a meia hora que passámos juntos. Contorço-me, constrangida com o olhar dele e pouco familiarizada com este tipo de escrutínio masculino.

— Sabes uma coisa, tu até és muito gira, assim, tipo — faz uma pausa e inclina a cabeça para o lado, enquanto tenta encontrar a descrição certa para mim —, uma bibliotecária boazona, mais ou menos.

Esta apanha-me de surpresa.

— Oh. — Olho para baixo e sacudo as raspas de borracha de cima da mesa. — Está bem. Obrigada? — Algures nesta observação, há um

elogio muito mais tradicional ao meu aspeto, mas dilui-se na surpresa da voz dele, na palavra «até» e na comparação com uma bibliotecária. Mas pressinto que ele acha que devo sentir-me lisonjeada por receber esta pequena migalha de um rapaz como ele.

Quer dizer, tenho de admitir que o Josh é um dos rapazes mais atraentes a quem já dei explicações, embora o esforço consciente que faz por ser atraente seja um pouco desencorajador para mim. Faz assim uns movimentos rápidos com a cabeça para manter o cabelo à pintas longe dos olhos, o que acaba por parecer uma espécie de tique. A t-shirt da *Nike* com a palavra «determinado» bordada no peito faz-me pensar que devia ter um subtítulo invisível: «A saltar-te à espinha.» A poção do amor da *Axe* com que deliberadamente toma banho flutua à sua volta como uma névoa; inicialmente cheira bastante bem, mas depois acaba por nos consumir as mucosas nasais até que a única coisa em que conseguimos pensar é em ar puro e sem cheiro. Ele fez um grande esforço para ter este aspeto e este cheiro, mas a única coisa em que consigo pensar é que, se dedicasse o mesmo esforço à Matemática, conseguiria provavelmente uma nota melhor do que um 10.

Ouçó o tipo oposto de comentários sobre o meu aspeto: que *seria* bonita se pelo menos me esforçasse um pouco *mais*. Se usasse as minhas lentes de contacto mais vezes, se usasse um pouco de maquilhagem, se mostrasse um pouco de pele. Mas, para mim, ser bonita não é uma coisa que valha a pena o *esforço*. Era como esforçar-me por ser mais alta. Por isso, foco-me nas coisas que consigo dominar: correr um quilómetro e meio em seis minutos, resolver a Hipótese de Riemann, pegar em objetos caídos usando os pés. Mas dedicar uma grande quantidade de esforço em ser bonita? Não vale o meu tempo nem o meu dinheiro. O meu ritual de beleza limita-se a uma boa higiene, roupas que não me tornem alvo de chacota e um pouco de rímel quando estou a sentir-me mais amalucada. Quer dizer, também não sou *amish*.

Presumo que a minha indiferença para com o meu próprio aspeto seja invulgar. A maioria das mulheres podia dedicar-se exclusivamente à arte de ser bonita e, tristemente, a beleza é a coisa em que nós, mulheres, trabalhamos mais arduamente.

Quando a minha amiga Charlotte espreita pela porta da sala e olha rapidamente em redor para então pousar os olhos em mim, o Josh já se tinha ido embora, depois de me agradecer. Bendita seja ela, ela sorri e tenta fazer um ar feliz, mas sei bem que está destroçada por não se ter cruzado com o *Senhor Determinado*.

— Já acabaste? — pergunta, com uma ligeireza forçada. — Dou-te boleia para casa. — À sexta-feira, a Charlotte tem aulas de violoncelo particulares com o professor da orquestra e vem sempre ter comigo antes de ir para casa, hoje mais ansiosamente do que o habitual.

— Ainda tenho mais uma sessão. Mas obrigada.

A Charlotte assente e fica parada mais um instante. Socorre-se de todas as suas forças para não perguntar.

— Ele foi... simpático — digo-lhe, ainda que um pouco relutante em admiti-lo. — Mais simpático do que estava à espera. Podias fumi-gar um edifício de apartamentos inteiro com os vapores do perfume dele, e acho que estava convencido de que me estava a fazer um favor, mas pelo menos foi educado.

Ela ergueu as sobrancelhas inocentemente.

— Quem?

Cristo, a Charlotte é mesmo má atriz.

Reviro os olhos e fito-a. A Charlotte reacendeu recentemente uma paixoneta que teve pelo Josh quando andava na escola preparatória e passou-se completamente quando soube que eu ia dar-lhe explicações de Matemática. Mas, honestamente, entre o círculo social dele e o nosso não há o menor Diagrama de Venn. Os amigos do Josh são jogadores de futebol e meninas de claque; são miúdos que vão a festas que incluem grades de cerveja; são miúdos para quem os trabalhos de casa são a última coisa em que pensam, um efeito secundário opcional da escola. Eu e a Charlotte andamos normalmente com os marrões da orquestra ou com os crânios da Matemática que só tiram 20, cujas festas incluem jogos intensos de Catan e latas de *Monster* em vez de cerveja. A sério, os nossos círculos só se interseitam na nuvem olfatória de longo alcance do Josh, o que não significa grande coisa, uma vez que os miúdos do Mineápolis também são capazes de o conseguir

cheirar. O perfume do Josh é um fenómeno que atravessa as fronteiras estaduais.

A Charlotte hesita um pouco mais, à espera de que lhe conte mais qualquer coisa, mas tenho outro miúdo que deve estar prestes a chegar. Quando se apercebe de que não lhe vou fazer a vontade, encolhe os ombros como se não quisesse saber.

— Fixe — diz. — Manda-me uma mensagem.

Vira-se para se ir embora e bate com o ombro com força contra a ombreira da porta, entrando no corredor aos tropeções. É desastrada como tudo, esta miúda, mas, ao contrário da maioria das raparigas, a Charlotte é bonita sem sequer se esforçar por isso. É alta, tem as pernas compridas e o estômago liso, feições simétricas e um sorriso que parece saído de um anúncio a pasta de dentes. Tem cabelo louro e grosso, num corte curto e espetado, que é a antítese do corte de cabelo de todas as miúdas num raio de cem quilómetros. Qualquer pessoa acharia que o aspeto de supermodelo seria o suficiente para a tornar popular, mas, quando votam nas rainhas do baile, a sossegada, inteligente e escultural Charlotte é sempre ultrapassada pelas miúdas da claqué que têm o peito grande. Por isso, rapazes como o Josh não lhe prestam muita atenção. Um dos meus desejos mais frequentes e fervorosos é que os rapazes vão ficando mais espertos com a idade.

Tenho um pressentimento de que ainda me vou desiludir terrivelmente com isto.

Os rapazes também não me prestam atenção, mas não é porque sou mais alta do que eles ou irritantemente bonita (que não sou), nem porque sou extraordinariamente feia (que também não sou). Basicamente, é porque sou um bocadinho esquisita e adoro Matemática da mesma forma que as outras miúdas adoram o Starbucks. Além disso, como já mencionei, não crio um ambiente muito amistoso com a minha aparente fobia a germes. Não pouso atrevidamente a mão nos músculos dos rapazes enquanto solto risadinhas. Não abraço as pessoas sem motivo nem empurro peitos firmes em agressões fingidas. Guardo as mãos para mim, e sei de fonte segura que normalmente isto *não* é o que os rapazes adolescentes gostam que as raparigas façam com as mãos.

$\gamma^2 = 2px$ $a^2 + b^2 = c^2$ $\gamma = \cos x$ $\gamma = mx + b^2$ $\gamma^2 = 2px$ $a^2 + b^2 = c^2$
 $\gamma = \cos x$ $\gamma = mx + b^2$ $\gamma^2 = 2px$ $a^2 + b^2 = c^2$ $\gamma = \cos x$ $\gamma = mx + b^2$
 $\gamma^2 = 2px$ $a^2 + b^2 = c^2$ $\gamma = \cos x$ $\gamma = mx + b^2$ $\gamma^2 = 2px$ $a^2 + b^2 = c^2$
 $\gamma = \cos x$ $\gamma = mx + b^2$ $\gamma^2 = 2px$ $a^2 + b^2 = c^2$ $\gamma = \cos x$ $\gamma = mx + b^2$
 $\gamma^2 = 2px$ $a^2 + b^2 = c^2$ $\gamma = \cos x$ $\gamma = mx + b^2$

CAPÍTULO 2

ENQUANTO ESPERO PELO CLIENTE SEGUINTE, começo a fazer os trabalhos de casa. O miúdo já está uns minutos atrasado, mas aprendi a não esperar que... bem... *ninguém* seja tão pontual como eu. Depois de lhe dar mais dez minutos de tolerância, achei que talvez se tivesse esquecido. A Matemática não é exatamente uma coisa pela qual as pessoas normais anseiam para uma tarde de sexta-feira. Já eu guardo os trabalhos de casa de Matemática para o fim, como se fossem a sobremesa.

Tiro os óculos, esfrego os olhos e tento lembrar-me se este miúdo me vai pagar, como o Josh, ou se faz parte da minha lista de clientes *pro bono*, que fica tão bem na candidatura à faculdade. Se for um cliente que paga, vou ficar a perder 20 dólares, além do tempo que entretanto desperdicei.

Que espetáculo.

Volto a semicerrar os olhos para o telefone, decido que ele não vem e começo a arrumar os livros. Quando a porta se abre de rompante, dou um salto.

O rapaz para assim que me vê, talvez surpreendido por ainda estar à espera dele.

— Desculpa — diz rapidamente, sem fôlego. — Estou atrasado.

Levanto os olhos para olhar para ele, mas sem os óculos não vejo nada além de uma mancha com uma forma humana — talvez tenha uma t-shirt acinzentada e cabelo escuro. Sinto-me tentada a fazer um

comentário sarcástico, para lhe dizer que o meu tempo é tão valioso como o dele, mas tenho andado a tentar trabalhar a minha faceta mais amistosa. Em vez disso, murmuro:

— Não faz mal.

Infelizmente, não consigo ser muito mais amistosa do que isto.

Volto a colocar os óculos e, uma vez que também não quero que ele se safe com o atraso assim tão facilmente, evito qualquer contacto ocular.

Ele poussa o livro de trigonometria em cima da mesa com um baque sonoro. Pelo canto do olho, vejo-o tirar o casaco e pendurá-lo nas costas da cadeira. Limpa a testa com a mão e acho que devia ficar contente por ele se ter apressado o suficiente para ficar a suar. Deixa-se cair na cadeira e esfrega as mãos nas coxas, e como continuo a evitar contacto ocular, é a primeira coisa em que reparo.

Nas mãos dele.

Bronzeadas, pulsos grossos, nós dos dedos arranhados, dedos compridos e calejados. As unhas estão bem limpas, mas suspeito que isso implicou algum esforço. Parece que as mãos dele andaram aos trambolhões na máquina de lavar com um punhado de gravilha e depois foram colocadas a secar ao sol até ficarem com um bonito tom dourado.

Fazem-me levantar os olhos e reparar no resto do corpo dele.

Ora vejam só.

Não é nada mau. Na verdade, é tudo menos mau. Mas não na mesma onda do Josh.

O cabelo muito curto, quase preto, faz-me lembrar o pelo de um animal: tão brilhante e grosso que me pergunto se a água formaria bolinhas, como acontece com o pelo das lontras ou das focas. Os olhos são escuros, mas de um tom mais cinzento do que castanho, com pestanas incrivelmente compridas e grossas. Pestanejou uma, duas vezes, e percebo que, se estivesse a usar os óculos, as pestanas dele seriam a primeira coisa em que teria reparado. C'um caraças.

Toda a aura sombria deste rapaz é estonteante. Os meus olhos precisam de tempo para se adaptarem, depois do brilho dourado e escandinavo do Josh e da Charlotte. À semelhança do Josh, este rapaz

é objetivamente atraente: feições simétricas, nariz direito, lábios carnudos. Mas, como acontece com a Charlotte, ele não se estava a esforçar muito. Nada de movimentos rápidos com a cabeça. Nada de perfumes fortes. Apenas o feliz recetáculo de uma herança genética desejável.

Sem artifícios. Sem extravagâncias.

Ele inspira e deixa sair o ar com uma espécie de suspiro pesado — como aqueles que a minha mãe dá no fim de um dia em que os meus irmãos sugaram o último grama de instinto maternal do seu corpo exausto —, depois volta a inspirar. Provavelmente ainda lhe cheira ao aroma residual da água-de-colónia do Josh.

— É do miúdo que estive aqui antes — digo. — Ele gosta muito de *Axe*.

A boca dele contorce-se num quase sorriso e revira os olhos.

— Deixa-me adivinhar: o Josh Mooney?

Não consigo evitar uma gargalhada.

— Como é que sabe?

Ele encolhe os ombros.

— É da minha turma em desporto. Tem no cacifo um frasco de litro da porcaria desse perfume. Reconheceria este pivete em qualquer lado.

Sinto a minha guarda a baixar.

— Alguém tem de lhe dizer que mais não é necessariamente melhor.

— Um miúdo como ele? Mais é sempre melhor. — Encolhe os ombros. — A não ser que seja no valor do QI.

Gosto do facto de este rapaz não se deixar impressionar pela popularidade do Josh. O facto de o Sr. Mãos Sensuais não ser o presidente do clube de fãs do Josh Mooney faz-me pensar que talvez nos possamos entender. Atrasado ou não, está perdoado.

Já nem sequer me cheira a água-de-colónia. O meu novo explicando só me cheira a uma mistura de sabonete, de detergente de roupa e talvez uma centelha de menta. A roupa dele está limpa, mas não é nova nem está na moda: uma simples t-shirt do Judson College (que há alguns anos mudou de nome para Judson University) e umas calças de ganga com um ar gasto, mas por serem muito usadas e não por

terem uma lavagem qualquer para as envelhecer. O casaco da tropa de lona esverdeada parece ter uns 20 anos e provavelmente foi comprado numa loja de artigos em segunda mão. Ainda se consegue ver o sítio junto ao peito onde a plaquinha com o nome esteve cosida.

Passou uma mão esfolada pelo cabelo curto, que parece ter sido cortado pelo próprio à tesourada. Também tem uma cicatriz pequenina mesmo por baixo da sobrançelha esquerda, em forma de lua, como se tivesse sido feita por uma unha de bebé.

— Trouxeste a máquina de calcular? — pergunto.

— Hã? — Levantou os olhos para mim. Outra vez aquelas pestanas! — Oh, porcaria — murmura. — Esqueci-me. Desculpa.

Tentei controlar o pânico. Não é propriamente pela máquina de calcular; tenho uma na mochila. Do que preciso mesmo são os *algos* dele. Sem a máquina de calcular, vou ter mesmo de passar algum tempo a tentar perceber quais são os problemas dele com a Matemática.

Volto a olhar para as suas mãos. E para as pestanas. Penso que talvez não seja assim tão mau, passar mais algum tempo com este explicando em particular.

— Não faz mal, acho que tenho aqui a minha. — Em vez disso, estendo a mão para pegar no livro de trigonometria dele, vai dar-me algumas informações sobre por onde devemos começar. Os livros não costumam funcionar tão bem como as máquinas de calcular; há alguma coisa no papel que é menos... absorvente? E, enquanto os miúdos se debatem com os trabalhos de casa de Matemática, os livros ficam normalmente em cima da secretária, sem se aperceberem das frustrações dos donos. São um observador desinteressado que só apresenta problemas, não um participante ativo que tenta encontrar uma solução. As máquinas de calcular testemunharam as dificuldades em primeira mão, foram agarradas com dedos tensos e nervosos, receberam fórmulas erradas, deram respostas erradas. As máquinas sabem. Mas, por vezes, quando estou desesperada, os livros dão-me alguma coisa a que me posso agarrar. Pressiono firmemente as palmas das mãos na capa do livro dele e espero... mas não encontro nada. Nem uma centelha de dificuldades. Considerando o facto de que ele precisa de

explicações, presumo que das duas uma: ou nunca abre o livro de Matemática, ou o deixa no cacifó 99,9 por cento das vezes e o livro nem sequer teve oportunidade de absorver os sentimentos que normalmente acompanham as frustrações matemáticas.

— Desculpa... esqueci-me do teu nome. — Para ser sincera, não prestei muita atenção quando o Prof. Haase me falou deste rapaz. Blá, blá, blá, é novo na escola, blá, blá, blá, precisa de ajuda com trigonometria. A história é sempre a mesma, só muda o aluno. Acho que o sobrenome dele é Bennett, mas o nome era um pouco estranho...

— Zenn — diz ele. Tem uma voz aveludada. Como... manteiga de amendoim derretida.

— Isso. Zen. Como... — Junto os dedos médios aos polegares e pouso as mãos de palmas viradas para cima no tampo da mesa — Buda?

— É mais ou menos isso. Só que tem dois n . Como o... — faz um círculo com cada uma das mãos e sobrepõe-nas ligeiramente — Diagrama de Venn.

Oh, Deus do céu. Está a fazer analogias matemáticas. Acho que estou apaixonada.

— É um nome interessante.

— Pois. — Faz um som quase desdenhoso. — Tenho pais interessantes.

— Ah! Quem não tem? Eu sou a Eva. Tipo... — fiz uma voz de gângster e um gesto com as mãos que presumo que fosse durão — ... «Atão, Eva, já encontraste o teu Adão?» — É o género de coisa que uma rapariga provavelmente não faria se estivesse a tentar passar uma boa imagem. Mas também já está estabelecido que sou demasiado *fixe* para me preocupar com esse tipo de coisas.

Ele sorri sem reservas, com ambos os cantos da boca. Não consigo entender se me acha divertida ou se está apenas com vergonha alheia.

— «Baza do Paraíso, Eva» — exclama. A voz de durão dele é muito mais convincente do que a minha.

Sinto-me corar, embora ele não tenha dito que eu até era gira, assim, tipo, uma bibliotecária. Na verdade, não sei bem por que motivo estou a corar. Baixo os olhos para o livro de trigonometria e balbucio.

— Eu, humm... deram-me este nome por causa do Évariste Galois. Era um matemático francês.

— Ah, então estou em boas mãos. Matematicamente falando.

Perante a mera menção de mãos, coro um pouco mais.

Raios, mas que diabo se passa comigo? Estou a transformar-me na Charlotte!

Empato um pouco, tentando pensar de que outras formas posso aperceber-me das suas dificuldades em Matemática. Acho que o Prof. Haase disse que ele até se safa bem nos testes, mas que raramente entrega os trabalhos de casa, o que me faz pensar que ou anda a copiar nos testes, ou é preguiçoso. Só que estas mãos não são as mãos de um rapaz preguiçoso.

Chiça. Sem os *algos* para me ajudarem, tenho de me apoiar na interação pessoal, que, como já mencionei, não é o meu forte.

— Há algum aspeto em particular em que sintas que tens maior dificuldade? — É um tanto inútil perguntar a alguém aquilo que não entende, mas não sei bem que outra via posso tomar.

O Zenn desenha alguns arabescos no caderno. E eu não pareço capaz de tirar os olhos da ponta do lápis dele ou da mão que o segura.

— Sim, na gestão do tempo — diz o Zenn, e levanto os olhos. A boca está novamente retorcida num sorriso e não consigo perceber se está a brincar. — Bem, isso, amplitudes de gráfico e transformações dos cossenos.

Ah-ah! Agora já nos entendemos. Pego no lápis e desenho dois eixos na folha.

— *Nisso* já te posso ajudar!

Vou explicando um problema, sem deixar de olhar de vez em quando para ele para me certificar de que não está distraído, mas são as suas pestanas que acabam por me distrair. Perco o fio à meada duas vezes.

Bolas, compõe-te, Eva.

Resolvemos alguns problemas, mas sinto-me pouco eficaz sem as visões da máquina de calcular, como se estivesse ali a desperdiçar o tempo dele. Vou continuando e lembro-o mais de uma vez para na próxima vez trazer a máquina de calcular.

Quando a nossa meia hora chega ao fim, ele levanta-se, espreguiça-se e agradece-me antes de pegar no livro com uma das mãos ásperas.

— Até para a semana, evangélica Eva.

Começo a questionar-me se a minha cara algum dia vai conseguir arrefecer.

— Podes crer.

Podes crer? Quando é que comecei a dizer estas coisas? Que estranho.

Quando reparei que ele se tinha esquecido do casaco, já o Zenn ia a meio do corredor. Peguei nele e estava a meio da sala quando o fractal me atingiu em cheio.

$$\gamma^2 = 2px \quad a^2 + b^2 = c^2 \quad \gamma = \cos x \quad \gamma = mx + b^2 \quad \gamma^2 = 2px \quad a^2 + b^2 = c^2$$
$$\gamma = \cos x \quad \gamma = mx + b^2 \quad \gamma^2 = 2px \quad a^2 + b^2 = c^2 \quad \gamma = \cos x \quad \gamma = mx + b^2$$
$$\gamma^2 = 2px \quad a^2 + b^2 = c^2 \quad \gamma = \cos x \quad \gamma = mx + b^2 \quad \gamma^2 = 2px \quad a^2 + b^2 = c^2$$
$$\gamma = \cos x \quad \gamma = mx + b^2 \quad \gamma^2 = 2px \quad a^2 + b^2 = c^2 \quad \gamma = \cos x \quad \gamma = mx + b^2$$
$$\gamma^2 = 2px \quad a^2 + b^2 = c^2 \quad \gamma = \cos x \quad \gamma = mx + b^2$$

CAPÍTULO 3

GARAMBA!

Normalmente, não é assim tão rápido nem tão forte. Os fractais normais costumam aproximar-se devagar, como uma enxaqueca, depois espalham-se como o formigueiro das mãos dormentes que começam a recuperar a sensação com lentidão. Mas este não se aproximou lentamente. Atingiu-me como um camião de betão carregado de relâmpagos negros, como um furacão carmesim, e antes mesmo de me aperceber do que aconteceu, dei por mim de joelhos no chão de linóleo.

Atirei o casaco para longe como se estivesse coberto de tarântulas. Estava tão hipnotizada com o ar atraente e casual do Zenn e com o charme natural dele que peguei no casaco sem pensar. Como faria uma pessoa normal.

Esfrego a testa e reparo que está coberta por uma fina camada de transpiração. Por instantes, sinto que vou vomitar, mas a onda passa. E acabo por conseguir levantar-me.

Isto não foi nada parecido com um *algo*. Foi um fractal gigantesco, esmagador e caótico; um emaranhado de sentimentos negros tão reais e pesados como os da carrinha de 15 lugares da igreja do meu pai. Nada específico, nada demasiado evidente. Mas senti no peito o peso de uma parede de betão.

É por este motivo que não toco nas coisas das pessoas. Mesmo nas que são giras e aparentemente inofensivas.

Prendo o casaco com a ponta da bota e atiro-o novamente para junto da mesa. Estou no processo de o tentar levantar com o pé, para o pousar na cadeira onde estava, quando ouço a porta abrir-se atrás de mim.

É ele, não é? Sei que é ele.

Tento pensar como posso fazer com que isto — eu, equilibrada num só pé, com o casaco dele pendurado no outro — pareça menos estranho, mas a minha mente está completamente às escuras. Deixo cair novamente o casaco ao chão, baixo o pé e viro-me.

— Estava só... — gesticulo de modo pouco convincente para o chão.
— Esqueceste-te do casaco.

— Pois. — O Zenn aproxima-se. Não me tinha apercebido de que era tão alto; tem uns bons 15 centímetros a mais do que eu, que tenho quase 1,70 m. Também não reparei como o peito dele faz sobressair tão bem a t-shirt do Judson College. Se fosse uma rapariga normal, tocava-lhe com atrevimento para disfarçar o meu embaraço e para o distrair. Mas, como não sou, não lhe toco.

Ele debruça-se e agarra no casaco. Estendo a mão num gesto de desculpa para sacudir a pegada que deixei no casaco, mas depois apercebo-me de que o mais certo era isso provocar uma nova visão. Na defensiva, enfio as mãos nos bolsos, onde estão em segurança.

— Desculpa. É só que... tenho claramente alguns problemas...
— Tento fazer com que a minha voz seja leve e brincalhona, mas ele desvia os olhos.

— Não temos todos? — Volta a oferecer-me aquele seu meio sorriso, veste o casaco e levanta a mão num pequeno aceno enquanto sai.

— Adeus — murmuro, empurrando os óculos pela cana do nariz acima. Um novo ataque de transpiração fê-los escorregar.

Pois, não sei se poderia ser mais fixe do que isto.

Saio finalmente da sala, zonzona e exausta, e vou para casa. Tento não passar demasiado tempo a pensar no fractal do Zenn. Já aprendi que o melhor que tenho a fazer é tirá-los do pensamento, porque deter-me neles só piora as coisas.

Quando era pequena, costumava chamar-lhes rabiscos de sentimentos, porque é exatamente isso que parecem: sentimentos rabiscados.

São principalmente sentimentos de mágoa e vergonha. Rabiscos maioritariamente sombrios e pesados. Quando já era um pouco mais velha, um dos muitos médicos que consultei referiu-se a eles como visões, e o termo acabou por ficar, embora sempre tivesse achado que não era inteiramente adequado. Quer dizer, não vejo o futuro nem nada parecido. Nem sequer tenho cem por cento de certeza de que «vejo» alguma coisa. Mesmo as formas, os padrões e as cores são mais sentimentos do que visões. Mas, quando aprendi o que eram os fractais matemáticos, o nome colou.

Os fractais são exatamente o que são. São padrões intermináveis, como os cristais de gelo ou a espiral de uma concha. Os fractais matemáticos são formados através do cálculo de uma equação simples repetido milhares de vezes e devolvendo a resposta ao início da equação. São infinitamente complexos, o que significa que podemos aumentar eternamente e o padrão nunca desaparece, nem se torna mais simples. Quando toco nas pessoas ou nas suas coisas, é assim que as minhas visões aparecem: como padrões que se sucedem incessantemente, que estão cravados, gravados, incrustados tão profundamente que não podem ser apagados. Tenho um vislumbre da natureza das pessoas — das inseguranças e dificuldades que fazem delas quem são —, mas só uma parte de cada vez. Uma minúscula parte de um padrão que faz parte de um todo muito maior.

Quanto mais toco, mais consigo ver e entender, e mais penso que posso ajudar. Mas é esse o meu erro. *Não posso* ajudar ninguém. Não se consegue «resolver» os problemas das pessoas como se resolvem os de matemática.

Não consegui ajudar a Jasmine Ortega, cujo fractal me disse que ela tinha sido violada por um rapaz com quem saiu quando tinha 15 anos. Descobri isto quando ela era minha parceira em Biologia e tínhamos de estudar a nossa saliva, um fio de cabelo e uma gota de sangue sob o microscópio. Depois de semanas a segurar nas placas de vidro com o ADN dela, o fractal da Jasmine tornou-se bastante evidente. Nada que eu pudesse fazer seria capaz de acabar com aquele padrão. Nada que eu pudesse dizer seria capaz de resolver o seu

problema. Tive de continuar a olhar para ela todos os dias, sabendo que a vergonha ia assombrá-la para o resto da vida. Éramos apenas parceiras de Biologia e certamente não amigas próximas que pudessem discutir uma coisa daquelas. Nem sequer lhe podia dizer que sabia. Diabo, não fazia ideia de quem era o tipo, por isso nem podia virar-me para ele e infernizar-lhe a vida. Senti-me impotente. A única coisa que podia fazer era saber aquele pedaço da sua verdade e sofrer por ela.

Não consegui ajudar o Trevor Walsh quando éramos caloiros e fiquei a saber que ele era gay só por segurar na camisola dele durante a aula de Educação Física. Vejo-o agora, quase três anos depois, ainda a namorar com a Julia Ford, e não há muito que possa fazer para poupar qualquer um deles ao desgosto que sei que mais cedo ou mais tarde os vai atingir. Não o vou «denunciar» à sua família super-religiosa. De qualquer maneira, o mais certo era ele negar tudo. Só posso observar e esperar. E sofrer por ele.

Nem todos os fractais são assim tão negros e secretos. Algumas pessoas têm vidas felizes sem grandes traumas ou problemas. Algumas pessoas ultrapassam rapidamente as coisas, ou nem deixam que elas as afetem sequer. O problema é que nem sempre consigo perceber que tipo de pessoa tenho pela frente só de olhar para ela. Não consigo perceber se o fractal dela vai ser um raio de sol cor-de-rosa ou uma cordilheira negra de penhascos. As pessoas têm tendência para esconder os seus segredos mais obscuros e ainda parecer normais por fora. É por este motivo que guardo as mãos para mim: porque nunca se sabe o que está sob a superfície.

Eu costumava ser mais curiosa. Tocava nas pessoas só para bisbilhotar. Não me orgulho disto, mas de vez em quando queria ver o que mexia com determinada pessoa e não conseguia conter-me. Agora já não faço muito isto. Aprendi que não consigo controlar as informações que obtenho. Às vezes parece que estou presa numa corrente e não consigo nadar para me libertar. Uma vez que a informação chega até mim, não a posso devolver, não a posso apagar da cabeça, por isso agora mantenho-me ao longe enquanto os meus colegas de turma andam por aí na palhaçada, a abraçarem-se, a tocarem-se e... a viver.

Tento bloquear a memória da escuridão esmagadora que me assaltou quando toquei no casaco do Zenn. Em vez disso, conto os quadradinhos do passeio e salto todos aqueles que são números primos.

Podia ter ligado à minha mãe a pedir-lhe boleia para casa, mas é mais fácil e mais rápido ir a pé. É claro que a minha mãe viria buscar-me, mas tinha de arrastar os meus quatro irmãos gémeos atrás de si. Quando acabasse de os calçar, de trazer qualquer coisa para eles comerem e de os colocar no carro com os respetivos cintos de segurança... Enfim, é mais fácil vir para casa a pé. Sempre que posso, procuro facilitar a vida aos meus pais. Eles já fizeram o suficiente por mim.

Quando entro finalmente em casa, a Essie e a Libby recebem-me com muitos saltinhos e uma grande tagarelice. Bem, a Libby salta e fala. A Essie limita-se a levantar as mãozinhas gorduchas de 3 anos e seguro nela ao colo. A Libby protesta aos saltinhos.

— Eva, Eva, Eva, Eva — cantarola. — Também quero, também quero, também quero, também quero.

A Libby nunca diz nada uma só vez. Num certo dia dei-me ao trabalho de contar e percebi que diz a maior parte das coisas quatro vezes seguidas. Será uma por cada gémeo? Ou apenas uma forma de agradar à irmã mais velha, amante da matemática e ligeiramente obsessivo-compulsiva?

— Espera um bocadinho, Libby Lou. — Pouso a mochila junto à porta da frente e pego nela com o outro braço. Novamente ao mesmo nível, as meninas começam a brincar com as mãos uma da outra. Pergunto-me se seria uma pessoa mais dada a pessoas, mais calorosa e amorosa, se tivesse crescido com irmãos. Estes quatro dão-se bem sem fazerem qualquer esforço. Acho que pode ser por terem passado quase oito meses aninhados juntos no pequeno útero da minha mãe.

— Onde estão os meninos? — pergunto-lhes.

— Estão na casa de banho, na sanita — explica a Essie com confiança, apesar de falar à sopinha de massa. Tem sempre o bater dos corações da família, e os seus movimentos intestinais, sob controlo. Prefere relatar os detalhes numa voz enfática, alto e bom som, para quem a quiser ouvir.

— Os dois? — pergunto.

— Sim!

— Tenho de ver isso.

Pouso as meninas e elas seguem-me até à casa de banho, onde encontro realmente o Eli e o Ethan sentados na sanita, de costas um para o outro, com as pernas penduradas de cada um dos lados e as calças caídas sobre os tornozelos. A minha mãe está deitada na banheira vazia a ler a Bíblia.

— Dia difícil? — pergunto.

O sorriso dela reflete a exaustão.

— Como já é habitual.

Aceno aos meninos, cada um deles com um livro de cartão no colo despido.

— Então, está a correr bem?

A minha mãe está a tentar tirar-lhes as fraldas há semanas, mas eles recusam-se a ser domados. A Essie e a Libby foram subornadas com autocolantes no quadro de bom comportamento e brinquedos novos, o que foi bom para o orçamento que os meus pais mantêm para as fraldas. Só espero que isso não signifique que vão crescer e ser miúdas fáceis que cedam a qualquer rapaz que lhes pague o jantar.

— O Ethan fez um chichi pequenino — conta o Eli.

Olho para a minha mãe em busca de confirmação, mas ela abana a cabeça.

— Isso é o que ele *diz*. Não ouvi uma única gota a cair e a água está tão limpa como a de uma nascente.

— Fiz, pois! — insiste o Ethan. Fecha os olhos com força em sinal de grande concentração e pouco depois ouço um débil som líquido por baixo dele.

A minha mãe salta da banheira de forma bastante ágil para quem já tem quase 40 anos.

— Ethan! Desta vez ouvi! Muito bem! — Levanta o Ethan do lugar, retirando o apoio do Eli, que quase cai para dentro da sanita. Agarro-lhe o braço mesmo a tempo.

O Eli levanta os olhos com entusiasmo, mas depois regressa ao livro. Este é capaz de ainda usar fraldas quando tiver a minha idade.

Neste momento, o sucesso de um dos rapazes é o suficiente para satisfazer a minha mãe. Tenho a sensação de que passou boa parte do dia na casa de banho. Levanta o Eli da sanita também, puxa-lhe as fraldas de elástico e manda-os lavar as mãos.

— Porque chegaste tão tarde? — pergunta-me. — Não tens apoio a alunos à sexta de *manhã*? — Na maior parte dos dias, é simplesmente demasiado para a minha mãe manter-se a par da minha rotina e da de quatro crianças em idade pré-escolar. Fico impressionada por ter sequer ideia de que faço acompanhamento a outros alunos.

— Dei explicações — respondo, enquanto arregaço as mangas da camisola do Eli, para não se molharem na torneira.

— Ah, pois é! — Entrega uma toalha ao Ethan, que começou a secar as mãos à camisola. — Ainda mal estamos em outubro. Os miúdos atrasam-se na matéria só com um mês de aulas?

— Alguns miúdos, sim — respondo, com um pouco de condescendência indesejada na voz, o que me faz sentir imediatamente culpada. Eles podem ser um desastre a matemática, mas são bons a fazer outras coisas. Por exemplo, a maioria deles tem mais de um amigo próximo. A maioria deles consegue tocar num casaco sem praticamente desmaiar.

Conduzo os meus irmãos para fora da casa de banho e encaminho-me para a cozinha, para ajudar a minha mãe com o jantar. Não é uma cozinheira extraordinária, mas consegue fazer um rolo de carne bastante bom. Enquanto estou a esmagar as batatas, o meu pai chega a casa. Beija a minha mãe e dá-me um apertãozinho no ombro. Inclino-me na direção do seu toque, aceitando gananciosamente o afeto que me dedica. Aceito todos os toques que recebo; só não posso retribuir muito. Bem, à exceção dos meus irmãos, que ainda são suficientemente doces e inocentes para terem fractais que são pequenas explosões de alegria em tons pastel. Consigo tocar nos miúdos, mas abraço os meus pais com cuidado, com as mãos fechadas em punhos e afastadas dos seus corpos. Sei que, se tocar na minha mãe, demoro um instante

a perceber os anos de solidão, tristeza e frustração que camuflou tão cuidadosamente com o seu otimismo de boa cristã. Não duvido que agora seja uma pessoa bastante feliz, mas as minhas visões mergulham nas profundezas dos sentimentos passados. O tipo de sentimentos que nunca chegam a desaparecer.

$\gamma^2 = 2px$ $a^2 + b^2 = c^2$ $\gamma = \cos x$ $\gamma = mx + b^2$ $\gamma^2 = 2px$ $a^2 + b^2 = c^2$ $\gamma = \cos x$ $\gamma = mx + b^2$
 $\gamma = \cos x$ $\gamma = mx + b^2$ $\gamma^2 = 2px$ $a^2 + b^2 = c^2$ $\gamma = \cos x$ $\gamma = mx + b^2$
 $\gamma^2 = 2px$ $a^2 + b^2 = c^2$ $\gamma = \cos x$ $\gamma = mx + b^2$ $\gamma^2 = 2px$ $a^2 + b^2 = c^2$
 $\gamma = \cos x$ $\gamma = mx + b^2$ $\gamma^2 = 2px$ $a^2 + b^2 = c^2$ $\gamma = \cos x$ $\gamma = mx + b^2$
 $\gamma^2 = 2px$ $a^2 + b^2 = c^2$ $\gamma = \cos x$ $\gamma = mx + b^2$

CAPÍTULO 4

O COPO AZUL ABANA PREGARIAMENTE. O Ethan estende a mão para o segurar, mas, com o pânico, acaba por derrubar tudo e entornar leite sobre a mesa, pela segunda vez num lapso de cinco minutos. Pego no pano húmido que me faz companhia em todos os jantares. Só lhes enchemos os copos com cerca de três centímetros de leite, o que implica reabastecimentos frequentes, mas também menor quantidade de leite entornado. Só que até três centímetros de leite no copo se transformam numa poça em cima da mesa. A minha mãe está determinada a ensinar os miúdos a beber por copos normais. A quantidade astronómica de copos com bico que temos, multiplicada pela dificuldade na lavagem, forçou a minha mãe a esta missão frustrante, que resulta pelo menos em dois copos entornados por refeição, que são três por dia. Total: 186 copos entornados por mês, ou 2190 por ano, no mínimo. Brinco que devíamos arranjar uma toalha de mesa feita de panos de microfibra para absorver simplesmente os líquidos, ou então uma mesa com um dreno no meio, para podermos continuar a comer sem interrupções. Talvez até pudéssemos reciclar as bebidas entornadas para poupar dinheiro e paciência. Mas, até inventarmos uma destas alternativas, limpo o leite e reprimo os suspiros.

— Desculpa — diz o Ethan, e o pedido é ainda mais fofinho e inspirador de pena porque ele não diz o L.

— Não faz mal — respondo. — Mas... tem cuidado com os teus braços de polvo, está bem, querido?

Ele ri-se e encolhe os cotovelos obedientemente. Por enquanto.

O meu pai volta a encher o copo do Ethan enquanto a minha mãe reúne as ervilhas que rebolaram do prato da Libby. Jantar na casa dos Walkers. Que maravilha.

O meu pai está a falar-nos do grupo de estudos bíblicos que conduziu hoje de manhã sobre a história de Marta e Maria. Conheço a história. Conheço as histórias *todas*. Afinal, sou a filha do pastor. Mas esta é uma das histórias (de entre muitas) que me irritam um pouco. Jesus vai visitar as irmãs Marta e Maria e, enquanto Marta se atarefa pela casa a cozinhar, a limpar e a tentar impressionar Jesus com as suas façanhas de anfitriã próprias de uma Martha Stewart (coincidência?), Maria senta-se aos pés de Jesus, a adorá-lo. Até que Marta fica sem paciência e diz qualquer coisa como: «Jesus! Não te importas de dizer à Maria que mexa o rabo e me venha ajudar na cozinha?!» Mas Jesus responde: «Tem lá calma, Marta. Estás a stressar com tudo, mas, na verdade, só precisas de uma coisa e a Maria já percebeu o que é.»

Então, é evidente que esta é uma espécie de mensagem de *carpe diem*, vive o momento, não julgues o todo pelas partes, e por aí fora. E entendo isto. Mais ou menos. Mas depois penso na pobre da Marta a fazer tudo e a tentar ser responsável enquanto a preguiçosa da irmã não faz mais do que namoriscar com um rapaz. É uma daquelas coisas que não me caem bem. Como a do filho pródigo: o filho responsável fica em casa a trabalhar para o pai, enquanto o outro decide ir dar um giro e gastar a herança em mulheres e copos. Mas, quando o filho doivanas regressa a casa com o rabo entre as pernas, o pai dá-lhe um valente raspanete? Hmm, não. Em vez disso, faz-lhe uma festa. Mata o bezerro mais gordo do curral para o banquete e tudo. O filho responsável fica danado e é do tipo: «Hmm, então? Quando quero fazer uma festa com os meus amigos, nem uma cabra enfezada me dás, mas foste matar o bezerro mais gordo para o falhado do meu irmão?» E o pai responde: «Tu és um bom miúdo. Sempre foste um bom miúdo. Tudo o que eu tenho é teu. Mas o teu irmão, que julguei que tinha

perdido, voltou para casa. Temos de fazer uma festa!» Quer dizer, eu *entendo*. É uma mensagem de perdão, de bondade, de alegria ao encontrar alguém que julgávamos perdido. Mas não gosto particularmente da mensagem que é transmitida às pessoas preguiçosas, gananciosas e irresponsáveis. «Faz lá o que quiseres, que no fim tudo acaba bem»? Pois, como se fosse assim que o mundo funciona. Pelo menos não é assim que *devia* funcionar.

Acho que tenho problemas com muitas mensagens bíblicas. Mas guardo a maior parte deles para mim. Guardo a maior parte de quase tudo para mim.

Enfim, enquanto o meu pai está a falar do grupo de estudos bíblicos à minha mãe, que fulano disse assim e beltrano disse assado, e entre derramamentos de leite, o meu pensamento volta a recair no Zenn e na visão. É uma das particularidades dos fractais: são bastante difíceis de esquecer.

Aquele casaco era impressionante. Algumas coisas, como carrinhos de compras, maçanetas de portas ou até chaves de carros, não ficam nas mãos das pessoas durante tempo suficiente para desenvolverem qualquer espécie de ligação. São mais ou menos neutros. As coisas que são manejadas apenas durante a execução de determinadas tarefas, como as máquinas de calcular, parecem absorver apenas os *algos* associados à tarefa em questão. Ferramentas, utensílios de cozinha, equipamentos desportivos e coisas assim. Seguro no taco de softball do meu pai e a única coisa que apanho é a sua frustração por se terem ido os dias em que conseguia fazer um *home-run*. Mas e o resto? Telemóveis, joias e casacos, objetos que nunca abandonam as pessoas: são essas as coisas que procuro sempre evitar. São testemunhas de uma quantidade aterradora de traumas humanos. Evito-os com a mesma devoção com que evito cogumelos e azeitonas.

Os *algos* que obtenho a partir das máquinas de calcular das pessoas são normalmente calmos, simples, ordeiros. Fórmulas metódicas dispostas em filas organizadas, como um conjunto de instruções que devo seguir. Mas os fractais são caóticos, esmagadores, pesados. Por vezes

são assustadores e intrincados, como redemoinhos que competem ao tentarem engolir pedaços de metal aguçado.

Lembro-me da primeira vez que tentei fazer alguma coisa em relação a um fractal. Andava no 5.º ano e eu e a minha amiga Lauren estávamos no recreio. Desde o início do ano que éramos as melhores amigas e naquele dia estávamos penduradas de cabeça para baixo nas barras, enquanto balançávamos os joelhos para ganhar impulso suficiente para sairmos a voar e aterrar de pé.

Contámos em unísono enquanto nos preparávamos para saltar:

— Um...

— Dois...

Muitos risinhos e mãos a segurar as camisolas para não se verem os nossos minúsculos soutiens de treino.

— TRÊS!

Lá fomos nós, mas, em vez de aterrarmos graciosamente como as ginastas que julgávamos ser, caímos em cima uma da outra, a rir-nos com a nossa falta de jeito. Levantei-me, sacudi a terra das calças de ganga justas e a seguir estendi a mão para a ajudar.

Quando a Lauren encostou a mão na minha, o medo e a incerteza passaram do seu corpo para o meu em ondas cor de laranja e azul-néon, como se fosse uma corrente elétrica. Não entendi o que aquilo estava a tentar dizer-me, mas era tão real e sólido como a barra de metal em que me apoiei.

Estava habituada a ter as visões quando tocava em adultos. Nesta altura ainda não lhes tinha dado um nome, mas sabia o que eram e por causa delas já aprendera a evitar tocar nos adultos. Mas nunca tinha tido esta experiência com uma criança e certamente nunca com uma das minhas amigas. Inicialmente pensei que era por causa da nossa queda — talvez ela tivesse ficado embaraçada ou magoada e fosse isso o que o meu toque pressentiu.

— Estás bem? — perguntei-lhe.

Ela soltou uma gargalhada e levantou-se.

— Sim, estou ótima.

— De certeza?

A minha voz deve ter dado a entender qualquer coisa, soado diferente e mais séria do que o habitual, porque ela olhou para mim e o rosto tornou-se-lhe impenetrável, difícil de ler.

— Sim. — Mas não cruzou diretamente o olhar com o meu.

Estendi a mão, toquei-lhe no braço e o fractal atingiu-me novamente, com a mesma força da primeira vez. Deixou-me triste de uma forma que não conseguia explicar, com uma sensação de desconforto na barriga. Ela olhou para mim com uma expressão estranha.

— O que é que estás a fazer? — Afastou o braço de mim com desconfiança.

— Estava só... — Procurei uma forma de descrever o que acontecera, mas não consegui. Nunca lhe falara sobre as minhas visões. Nunca contara a ninguém, à exceção dos meus pais e de vários médicos. Como lhe podia dizer que sabia que algo estava errado, quando ela não me contara nada?

— Deixa de ser esquisita. O que foi? És gay ou qualquer coisa do género?

Tínhamos acabado de aprender o que significava a palavra «gay» e, pelo tom da sua voz, não me pareceu que a usasse como um elogio.

Queria tocar-lhe novamente no braço, porque o puzzle parecia estar a ganhar forma. Tinha algo que ver com os pais dela. Com a casa onde viviam e talvez com dinheiro. Mas sabia que não podia tocar-lhe novamente. Sabia que estava a comportar-me de forma estranha. Ela já começava a afastar-se de mim, e não porque pensasse realmente que eu era gay. Podia ver nos olhos dela que era porque pressentia que eu já *sabia* de alguma coisa que não me contara.

Só não sabia o que fazer em relação àquilo. Alguns dias depois, a nossa professora pediu-me que ajudasse o miúdo que se sentava ao lado da Lauren, porque ele tinha dificuldades com a matemática. Eu e a Lauren trocámos de lugar durante aquela aula, o que não era invulgar, mas dessa vez descobri que o fractal também ali estava. Senti-o quando pousei as mãos na secretária e quando lhe levantei a tampa.

Contei à minha mãe e ela dirigiu-me um olhar entristecido. Estava suficientemente familiarizada com as minhas visões para saber que eram reais, por muito que desejasse que não fossem.

Desde que eu era pequenina que a minha mãe lidava com elas, porque chorava de cada vez que alguém me dava a mão ou sempre que tocava em qualquer outra coisa que não os meus brinquedos ou outras crianças. A minha mãe pensou que tinha uma espécie qualquer de artrite ou pele sensível, ou então uma doença rara nas articulações. Fez-me usar luvas, massajou-me os dedos durante horas (o que só piorava as coisas) e levou-me a especialistas que, depois de vários testes à pele, raios-X e ressonâncias magnéticas, não conseguiram encontrar nada de errado comigo.

Quando já era um pouco mais velha, tentei explicar-lhe a sensação, mas devo ter soado como uma criança possuída pelo diabo, porque rapidamente pôs a igreja toda a rezar por mim. Quando isto não surtiu um efeito aparente, levou-me a um psiquiatra. Também não tivemos muita sorte. Por isso, quando tinha 6 ou 7 anos, aprendi a limitar o contacto com os adultos e a ficar de boca calada. Mas a minha mãe sabia que a estranheza psíquica da filha ainda estava presente. Via como eu evitava cumprimentar as pessoas com apertos de mão, como fazia de conta que não via quando alguém deixava cair alguma coisa para não precisar de pegar nela. Ela sabia.

Sabia que o que quer que tinha pressentido na Lauren era real. E também já sabia qual era o problema.

— Os pais da Lauren vão divorciar-se, querida — disse-me com meiguice. — Tenho a certeza de que a Lauren está perturbada com isso.

A partir de então, tentei ser uma amiga ainda melhor para a Lauren, mas, algumas semanas mais tarde, ela ausentou-se durante uma série de dias seguidos e depois alguém foi limpar a sua secretária; o rumor de que se mudara espalhou-se depressa.

Por vezes pergunto-me o que lhe terá acontecido. Não sei ao certo o que podia ter feito para a ajudar, mas é exatamente o problema com os fractais: uma pessoa tem estes segredos, estas informações que não devia ter, e não importa o que se faça com elas, nunca é suficiente.

Por isso, aprendi a evitá-los, porque é como abrir uma caixa de Pandora. Quando se fica a saber alguma coisa sobre alguém, não há como voltar atrás.

Se formos ao *Google* e pesquisarmos imagens de *fractais matemáticos*, os resultados são qualquer coisa parecida com relâmpagos, ou flocos de neve selvagens, ou ainda explosões solares.

São assustadores, bonitos, sinistros e intrigantes. É assim que os sinto também. A linha entre o fascinante e o assustador é muito ténue. Os relâmpagos também são bonitos de se ver, mas ninguém quer ser atingido por um.

Já esgotámos os especialistas e terapeutas, e neste momento acho que a minha única hipótese de descobrir uma cura é se for eu a encontrá-la. O meu plano é estudar Neurociências e tentar descobrir uma solução. Ou seja, tratar do assunto com as minhas próprias mãos videntes. Sou boa a resolver puzzles — talvez não seja uma ideia assim tão rebuscada. Talvez a pessoa que tem o problema seja a única suficientemente motivada para o resolver. É, de facto, a minha única hipótese porque, francamente, não sei se consigo viver com isto para o resto da vida.

— Eva.

Ouço o meu nome e levanto os olhos da mesa da cozinha. O meu pai está a olhar para mim, expectante.

— Humm? — Desliguei a meio da história de Marta e Maria. *Ops*.

— Passas-me as batatas? Por favor?

— Ah! Claro. Desculpa. — Estendo a mão para a taça, evitando cuidadosamente o campo de minas dos copos pequenos.

— Está tudo bem, Eva?

Aceno para assegurar que sim e como uma garfada de rolo de carne.

— Tudo ótimo — respondo. Sorrio e mastigo, e o meu ar descontraído parece agradar-lhe. Não lhe conto sobre o Zenn nem sobre o peso tenebroso do seu fractal.

E, na verdade, o que há para contar? A escola secundária é difícil para toda a gente e o Zenn não é tão invulgar quanto isso. Está bem que o fractal que recebi do casaco dele é um pouco mais negro do que o habitual, mas e se me atingiu mais fortemente porque estou mais habituada aos *algos*? Ultimamente, tenho tido muito cuidado com os fractais.

Decido experimentar.

O telemóvel do meu pai está ao lado dele, em cima da mesa, sempre à mão para emergências pastorais. Ainda penso em pegar nele, mas já aprendi a lição em relação aos telemóveis. O do meu pai seria especialmente mau, com todos os pedidos de oração que recebe diariamente. Pais que estão a morrer, filhos que estão doentes, maridos que enganaram as mulheres, amigos que são viciados em drogas — há de tudo.

Por isso, em vez de agarrar no telemóvel, pego nos óculos, que o meu pai só usa para ler. Sem ele se aperceber, pego nos óculos que estão em cima da mesa e seguro-os nas mãos, no colo. A visão surge gradualmente, não de repente como a do casaco do Zenn. É definitivamente um fractal, mas é simples, um remoinho num tom azul-turquesa escuro, misturado com um tom acinzentado, num padrão semelhante a uma corrente. Há alguma escuridão, uma sensação de grande responsabilidade, mas no geral parece fácil de gerir, tristemente esperançosa, cautelosamente positiva, como os livros que o meu pai lê enquanto usa os óculos. Ponho sorrateiramente os óculos em cima da mesa. Comparado com este, o fractal do casaco do Zenn parece saído de um livro do Stephen King.

Mesmo assim, decido experimentar o telemóvel do meu pai. Presiono os dedos sobre o aparelho, como se estivesse só a afastá-lo na mesa, e um fractal negro aparece mais rapidamente. É esverdeado, quase preto e nodoso, como as algas marinhas. Vejo explosões de azul-escuro e grená a rodopiar em conjunto, como sangue e óleo. A sensação é de divórcio, de morte, de uma enorme tristeza e de pedidos de socorro.

Mas continua a não se comparar ao do Zenn.

Volto a levantar a mão e reparo que a minha mãe está a observar-me. Acena a qualquer coisa que o meu pai lhe diz, mas na verdade está a olhar atentamente para mim. Parece prestes a dizer alguma coisa quando a Essie derruba o copo cor-de-rosa e eu pego no tão prestável pano, que já está ensopado de leite.

Depois do jantar, ajudo nos banhos dos miúdos antes de me dedicar aos trabalhos de casa. Na nossa casa, a hora do banho é um trabalho

para pelo menos duas pessoas, e esta noite o meu pai está safo porque tem de voltar à igreja, para uma reunião. Eu e a minha mãe jogamos ao pedra-papel-tesoura para determinar quem dá banho e quem coloca fraldas e veste pijamas. Normalmente, não me importo com nenhuma das tarefas, mas hoje, depois de tanto leite derramado, só me apetece o trabalho mais seco.

A minha mãe enche a banheira e despe as meninas enquanto eu ponho a dar o vídeo dos *VeggieTales* para entreter o Ethan e o Eli. Vejo um bocadinho com eles, e o Larry está a cantar uma das suas canções tolinhas sobre uma escova de cabelo quando a Essie entra na sala embrulhada numa toalha, com as bochechas rosadas a brilhar.

— Anda cá, Esther Faith. — Envolve-a nos braços e faço de conta que luto com ela até a deitar no chão. Ela dá risadinhas, mas tranquilamente. Ela é a mais difícil de irritar. Não me atrevo a ter este tipo de brincadeiras com o Ethan tão próximas da hora de dormir, porque depois é um problema para o adormecer. Seco a pele sedosa da Essie e ponho a fralda de dormir enquanto ela permanece muito quieta, a brincar com o meu cabelo como se fosse um gatinho a brincar com lã. Contamos juntas de 20 para baixo enquanto a esfrego com uma loção cor-de-rosa para bebé e aprecio o calor e a suavidade da sua pele. Não me incomodo com os minúsculos fractais que ela me dá, porque são como pequenos raios de sol alaranjados. Os fractais da Essie são simples. Agradáveis. Ainda não foram manchados pelo mundo brutal. Enfio-lhe os braços gordinhos no pijama macio e sento-a para conseguir pentear o cabelo fino.

A Libby é a seguinte e entra subitamente na sala, despida e com grande alarido.

— Meninos, meninos, meninos, meninos! — grita. — Agora são vocês!

O Ethan resmunga.

— Mas estou a ver os *VeggieTales*!

— Mamã! — grita a Libby. — Mamã! O Ethan não faz o que eu lhe disse!

A Essie fica pacientemente sentada no chão enquanto arrasto o Ethan para a casa de banho. Assim que ele se vai embora, a Libby sossega. Demora cerca de uma hora até os miúdos estarem todos na cama, de banho tomado, pijamas vestidos e dentes do tamanho de pérolas lavados. Quando a porta do quarto dos rapazes se fecha com um clique, a minha mãe parece estar prestes a dizer alguma coisa, mas esgueiro-me rapidamente para ir fazer os trabalhos de casa, com um pedido de desculpas. Se ela sonhar que estou a ter um período difícil com os fractais, vai oferecer-se para me levar a outro médico qualquer, a um psiquiatra ou especialista que encontrou numa revista num consultório médico. Mas estou cansada de becos sem saída e de falsas esperanças. Vou resolver isto sozinha. Por isso, ofereço-lhe um sorriso descontraído, e o que quer que fosse dizer é ultrapassado pela minha exibição fingida e pelo seu cansaço esmagador. Deixa-se cair no sofá e eu acabo os trabalhos de Matemática rapidamente, para os poder riscar da lista. De qualquer maneira, esta noite não ia conseguir apreciá-los.

Quando penso pela centésima vez nas candidaturas à universidade, são quase 23 horas. Uma noite destas vou ter de me dedicar a elas. Mas hoje não.

«QUANTO MAIS TOCO, MAIS CONSIGO VER E ENTENDER, E MAIS PENSO QUE POSSO AJUDAR. MAS É ESSE O MEU ERRO. NÃO POSSO AJUDAR NINGUÉM. NÃO SE CONSEGUE “RESOLVER” OS PROBLEMAS DAS PESSOAS COMO SE RESOLVEM OS DE MATEMÁTICA.»

Eva é uma *supergeek* da Matemática e há uma razão para ela preferir os números e as calculadoras ao convívio normal entre jovens. Poucos o sabem, mas basta que Eva toque com as mãos em alguém — ou nas suas coisas —, para ter visões que lhe mostram as inseguranças, receios e segredos dessa pessoa. Por isso, ela prefere manter as mãos bem guardadas e ficar na sombra. E tudo parece correr bem!

Quer dizer, tem 17 anos, nunca teve namorado e tem apenas uma amiga, mas não é uma completa aberração! Até que chega o dia em que o charmoso e solitário Zenn Bennett entra na sua vida! É amor ao primeiro toque! No entanto, quando ela mergulha no mundo de Zenn, descobre que afinal as coincidências que os unem são demasiado duras... e poderão separá-los para sempre.

UM ROMANCE FRESCO E INOCENTE, EM QUE OS PERSONAGENS ZENN E EVA NOS DEIXAM RENDIDOS À IRONIA DOS SEUS DESTINOS.

TOPSELLER

os livros em primeiro lugar

20|20 editora

ISBN 978-989-8869-09-8



9 789898 869098

Literatura Traduzida